

Práticas escolares na Escola Parque de Brasília nas colunas da jornalista Yvonne Jean (1962-1963)

School practices at Escola Parque de Brasília in the columns of journalist Yvonne Jean (1962-1963)

Juarez José Tuchinski dos Anjos¹

RESUMO: O artigo tem por objetivo analisar algumas práticas escolares da Escola Parque de Brasília conforme narradas nas colunas da jornalista Yvonne Jean no jornal *Correio Braziliense* entre os anos de 1962 e 1963. Metodologicamente, consultaram-se as edições do jornal disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com a busca pela palavra-chave: “Yvonne Jean”, recortando-se, para esse estudo, as informações relativas a três tipos de práticas escolares descritas pela jornalista: as práticas de leitura; as festas escolares e a educação artística. Sobre as práticas de leitura, foi possível apurar o modo como as professoras visavam desenvolver o hábito da leitura nos estudantes da Escola Parque, no que, segundo Yvonne Jean, estavam obtendo algum sucesso, dado à procura maciça de livros na Biblioteca da instituição por parte dos escolares, a reclamar, inclusive, um reforço do acervo colocado à disposição dos jovens leitores. Já sobre as festas escolares, observaram-se distintos usos dessas comemorações por parte da comunidade escolar: ora para despertar valores patrióticos e cívicos, como no caso das comemorações da Semana da Pátria, ora para dar visibilidade e propagandear entre a comunidade os resultados alcançados com o tipo de educação ministrado na Escola Parque de Brasília. No que toca às práticas de educação artística, apurou-se que estas, baseadas nos princípios de liberdade de expressão infantil, vinham resultando em criações e inovações nas culturas escolares da Escola Parque, ainda que nem sempre possa ter havido consenso sobre o que seria a liberdade de expressão e a arte moderna que esta devia produzir.

PALAVRAS-CHAVE: Escola Parque de Brasília; Práticas Escolares; História da Educação.

ABSTRACT: The article aims to analyze some school practices at Escola Parque de Brasília as narrated in the columns of journalist Yvonne Jean in the newspaper *Correio Braziliense* between 1962 and 1963. Methodologically, the editions of the newspaper available in the Digital Hemeroteca of the National Library were consulted, with the search for the keyword: “Yvonne Jean”, cutting out, for this study, information relating to three types of school practices described by the journalist: reading practices; school parties and artistic education. Regarding reading practices, it was possible to determine how the teachers aimed to develop the habit of reading in students at Escola Parque, in which, according to Yvonne Jean, they were achieving some success, given the massive demand for books in the institution's Library by of schoolchildren, even demanding a reinforcement of the collection made available to young readers. Regarding school festivities, different uses of these celebrations by the school community were observed: sometimes to awaken patriotic and civic values, as in the case of the Homeland Week celebrations, sometimes to give visibility and publicize among the community the results achieved with the type of education provided at Escola Parque de Brasília. With regard to artistic education practices, it was found that these, based on the principles of freedom of expression for children, had resulted in creations and

¹ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail. juarezdosanjos@yahoo.com.br

innovations in the school cultures of Escola Parque, even though there may not always have been a consensus on what would be the freedom of expression and the modern art that it should produce.

KEYWORDS: Brasília Park School; School Practices; History of Education.

INTRODUÇÃO

Em 21 de abril 1960 ocorreu a inauguração de Brasília. Começou a funcionar nessa data, também, o sistema de ensino da nova capital, idealizado pelo educador Anísio Teixeira, então, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) (ANJOS, 2022a). Uma das novidades da proposta do educador era a educação primária integral, que ocorreria em dois turnos: um deles na escola-classe (escola primária convencional) e outro na Escola Parque. Nesse modelo de educação, segundo Anísio,

...a criança, além das quatro horas de educação convencional, no edifício da “escola-classe” onde aprende a “estudar”, conta com outras quatro horas de atividades de trabalho, de educação física e de educação social, atividades em que se empenha individualmente ou em grupo, aprendendo, portanto, a trabalhar e a conviver (TEIXEIRA, 1961, p. 197).

Para alcançar seus objetivos de socialização, a Escola Parque seria dotada, seguindo as orientações anisianas, dos seguintes equipamentos:

- a) Biblioteca Infantil e museu;
- b) Pavilhão para atividades de artes industriais
- c) Um conjunto para atividades de recreação
- d) Um conjunto para atividades sociais (música, dança, teatro, clubes, exposições);
- e) Dependências para refeitório e administração; (TEIXEIRA, 1961, p. 196).

A proposta, adaptando-se ao plano urbanístico da cidade, elaborado por Lúcio Costa, previa a existência de uma Escola Parque para cada conjunto de quatro escolas-classe, atendendo a um público de cerca de 1.000 crianças, de 7 a 14 anos, em cada turno (TEIXEIRA, 1961). Na prática, porém, somente um Escola Parque foi implantada na década de 1960 (MARTINS, 2011), o que limitou o alcance da educação integral planejada para a capital, mas a tornou possível, ao menos, para um seleto grupo de crianças de cinco escolas (numa outra adequação do plano educacional) que puderam frequentar a Escola Parque.

Dois anos após a abertura da Escola Parque de Brasília, funcionando dentro das proposições e limites acima descritos, chegou a Brasília a jornalista belga naturalizada brasileira Yvonne Jean da Fonseca (1911-1981). Veio à capital para atuar no setor de extensão cultural da recém-criada Universidade de Brasília (TEIXEIRA, 2017) ao mesmo tempo em que se inseriu no jornalismo local, escrevendo colunas para o jornal *Correio Braziliense*, órgão dos Diários Associados de Assis

Chateaubriand no planalto central (ANJOS, 2022b). Detentora de capital cultural e social adquirido na imprensa carioca e paulista ao longo das décadas de 1940 e 1950 (MINEIRINI NETO, 2019) bem como em sua vida pregressa na Bélgica (SILVA; SILVA, 2022), a jornalista deu, em suas colunas, grande atenção à educação na capital, visitando escolas, recebendo informações de alunos, professoras e diretoras, fazendo disso matéria prima para seus quadros editoriais. Uma das escolas sobre a qual incidiu sua atenção foi a Escola Parque, da qual registrou, para seus leitores, algumas de suas práticas escolares.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo, parte de uma pesquisa de pós-doutoramento em fase de conclusão², é analisar algumas práticas escolares da Escola Parque de Brasília conforme narradas nas colunas da jornalista Yvonne Jean entre os anos de 1962 e 1963, isto é, no momento de sua chegada e primeiro contato com a educação brasileira.

Em termos metodológicos, perseguindo o fio do nome (GINZBURG, 1991), consultaram-se as edições do *Correio Braziliense* disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com a busca pela palavra-chave: “Yvonne Jean”. A partir desse descritor foram localizadas as colunas assinadas pela jornalista. Após a leitura integral dessas colunas, realizou-se um fichamento das informações sobre a Escola Parque nelas contidas, recortando-se, para esse estudo, as relativas a três tipos de práticas escolares descritas pela jornalista Yvonne Jean: as práticas de leitura; as festas escolares e a educação artística.

Em termos teóricos, estabeleceu-se um diálogo com as concepções de Roger Chartier sobre o estudo das práticas através de textos. Segundo o historiador francês

A dificuldade para o historiador é que [o acesso] às práticas do passado frequentemente só é possível através dos discursos que as representam, prescritas, proscritas, proibidas, definidas etc. Temos então uma forte tensão entre a metodologia que dá acesso as práticas através dos discursos e a teoria que afirma a heterogeneidade entre as práticas e os discursos. É um desafio fundamental que existe para todo trabalho histórico. Evidentemente, há outras abordagens possíveis (as imagens, os restos arqueológicos, a história da natureza), porém, a massa documental que permite o acesso dos historiadores às práticas do passado é constituída por textos (CHARTIER, 2005, p. 145-146).

Assim, considera-se possível, a partir das descrições das práticas escolares feitas por Yvonne Jean, ter uma aproximação às práticas reais e cotidianas da Escola Parque de Brasília, que

² Trata-se da pesquisa intitulada "Culturas escolares da escola primária nas colunas da jornalista Yvonne Jean (Brasília, década de 1960)" desenvolvida junto à Linha de História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, sob supervisão da profa. Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro. A pesquisa conta com apoio financeiro do DPI/DPG da Universidade de Brasília, a quem registro agradecimentos.

foram por ela selecionadas para figurar em seus quadros editoriais. A seleção certamente não foi neutra e atendia a interesses editoriais da jornalista e do próprio *Correio Braziliense*, que tinha como um de seus objetivos a defesa da permanência da capital no Planalto Central (MORELLI, 2002), o que torna compreensível que a jornalista destacasse o que se considerava experiências exitosas da educação local e que confirmavam a realidade do sucesso da implantação da cidade planejada. Ainda assim, são uma amostra do repertório de práticas pedagógicas de que estava dotada a Escola Parque de Brasília no período em tela, sendo uma fonte produzida fora da escola, mas que reverbera a escola e seus fazeres ordinários, que segundo Anne-Marie Chartier consistem naquele “metadiscorso que nos permite falar da escola na escola, para que se possa dizer, se fazer ver, se narrar, se deixar interrogar e pensar o trabalho ordinário dos docentes” (CHARTIER, 2000, p. 168).

O artigo, até aqui introduzido, divide-se em três partes, cada uma delas dedicada a um dos tipos de práticas escolares da Escola Parque de Brasília abordados por Yvonne Jean. Ao final, a narrativa histórica é encerrada como algumas considerações, a modo de conclusão.

AS PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA PARQUE

Uma primeira prática levada à cabo pelas professoras da Escola Parque de Brasília era o incentivo à leitura, ou melhor, a uma forma de realizar a leitura de obras literárias. Sobre isso, escreveu a jornalista Yvonne Jean em 13 de junho de 1962:

Para que os maiores criem o hábito da leitura, também se discute um livro, oralmente. Depois ninguém os obriga a lê-lo, mas todos fazem questão de ler a história que os empolgou. O sistema? Fala-se em Alexandra Dumas, por exemplo, da França no século XIX, com seu ambiente, história, acontecimentos. Depois lê-se um capítulo do livro escolhido. Monte Cristo, por exemplo. Não o primeiro. Um capítulo do meio, bem palpitante. Depois disso, todas as crianças correm para a Biblioteca e querem ler o conde de Monte Cristo. Não como tarefa. Como divertimento bem maior que o Gibi. Está criado o hábito da leitura (JEAN, 1962a, p. 9).

Sendo a leitura um dos saberes elementares da escola moderna (HÉBRARD, 1990), o modo de ensiná-la sofreu inúmeras variações ao longo da história, mas, sem dúvida, é aspecto incontornável da cultura escolar até nossos dias. No caso da Escola Parque, propunha-se desenvolvê-la por meio da curiosidade das crianças em relação às obras selecionadas para leitura. Falava-se do autor, do ambiente em que viveu, da história e dos acontecimentos. Depois, lia-se um trecho da obra selecionada – O Conde de Monte Cristo, de Dumas, por exemplo – a fim de despertar nas crianças o desejo de conhecer o resto da história. Depois disso, em forma de divertimento, elas mesmas iam buscar a obra na Biblioteca da instituição, “não como tarefa”, mas

“divertimento”. Ou seja: apresentava-se para elas a leitura como um prazer e não obrigação, de modo a criar nelas o “hábito da leitura”.

O resultado dessa prática de leitura era sentido no movimento da Biblioteca da Escola Parque e na necessidade de seu acervo ser reforçado, assunto da coluna de 15 de junho de 1962:

Quem entra na ampla Biblioteca da Escola Parque observa estantes quase vazias. O número de consultas é enorme. O número de livros levados para casa é elevado. Portanto, quem vem pedir um livro, dificilmente o encontra. É preciso encher as estantes o quanto antes. As crianças querem ler e leem. É preciso incentivá-las. Não se pode recusar livros porque todos estão circulando. Que particulares, editoras, livrarias, mandem livros para a Escola Parque. Merece ajuda. VAMOS DAR UM LIVRO AOS ESCOLARES. Perto de 1.600 alunos frequentam a Escola Parque (JEAN, 1962b, p. 9).

Yvonne Jean, ao retomar o tema da leitura na Escola Parque (que havia abordado dois dias antes), o faz com dupla intencionalidade. De um lado, para confirmar o que dissera dias antes: as crianças, interessadas, procuravam os livros na Biblioteca, de modo que “o número de livros levados para casa é elevado” e quem ia procurar um título dificilmente o encontrava. Por outro, aproveita o ensejo para motivar os seus leitores a darem sua colaboração para que a Biblioteca pudesse atender os escolares: “Que particulares, editoras, livrarias, mandem livros para a Escola Parque”. Quase como que propondo uma campanha, enuncia um slogan: “Vamos dar um livro aos escolares”. Como se percebe, Yvonne Jean não se limitava a narrar as práticas escolares, mas usava sua coluna para motivá-las, fazendo de seu trabalho na imprensa não apenas relato, mas ingrediente dos acontecimentos (DARNTON, 1996).

Estamos agora em 28 de maio de 1963. O assunto na coluna de Yvonne Jean, novamente, é a Biblioteca da Escola Parque e sua contínua necessidade de ampliação do acervo. Sobre isso, escreveu:

A Escola Parque está tentando organizar sua biblioteca. Já fizemos aqui, um apelo a todos os leitores para que mandassem livros usados... (e novos, é claro!) a uma instituição de maior importância desde que caracteriza a renovação do ensino elementar projetada conjuntamente com Brasília. Ensino complementar sem leitura não existe. Mas como poderá a Escola Parque despertar a vontade de ler, o hábito de ler, sem um acervo mínimo? Portanto, reiteramos o nosso apelo: Mandem todos os livros infantis ou didáticos dos quais seus filhos não precisam mais à Biblioteca da Escola Parque (JEAN, 1963a, p. 9).

No excerto acima, além de reiterar a necessidade de livros para a Biblioteca da Escola Parque, a jornalista demonstra partilhar da crença em torno da importância daquela instituição para a concretização do ensino integral – que ela chama de complementar –, sinal de renovação educacional do ensino primário da capital, conforme propugnado no Plano de Construções Escolares de Anísio Teixeira, que o queria modelar para o restante do país (TEIXEIRA, 1961). Uma

das manifestações dessa renovação era o despertar do gosto pela leitura nas crianças, a ponto de considerar que “ensino complementar sem leitura não existe”. Para tanto, era necessário um acervo mínimo, que deveria ser composto por ao menos dois tipos de obras: os livros infantis, cuja literatura portanto era adaptada à mente infantil e livros didáticos, que pudessem funcionar como auxiliares do ensino da Escola Parque. Em ambos os casos, a jornalista apelava para que os livros desse gênero não mais utilizados pelas famílias, fossem encaminhados à Biblioteca da instituição, onde seriam colocados a serviço das práticas de leitura ali postas em movimento por professoras e estudantes.

AS FESTAS ESCOLARES NA ESCOLA PARQUE

Outro tipo de prática escolar levada à cabo na Escola Parque eram as festas escolares. Pelo estudo das festas escolares, defende Renata Marcílio Cândido (2015, p. 231) “é possível compreender um conjunto de modos de fazer e de pensar a escola, suas formas de conceber o ensino e a educação, os comportamentos escolares e sociais desejados para uma determinada comunidade” bem como “os valores compartilhados, as metodologias de ensino, os conteúdos ensinados e as estratégias criativas que a escola utiliza para a transformação das demandas sociais em um projeto próprio”. Alguns desses elementos podem ser apreendidos nas narrativas que Yvonne Jean produziu sobre três festas escolares em particular: as comemorações da Semana da Pátria, do Dia da Criança e da Semana das Mães.

Sobre a Semana da Pátria, registrou na coluna de 4 de setembro de 1962:

A Escola-Parque resolveu comemorar a Semana da Pátria com uma série de conferências destinadas a aproximar as crianças das Forças Armadas e do Congresso através de representantes que lhes falarão da ideia da Pátria, Independência, história do Brasil, papel das diversas instituições. Foram convidados representantes do Exército, Marinha, Aeronáutica e Parlamento, que falarão na escola às 14 horas, nas 2^a, 3, 4^a E 5^a feiras. A primeira conferência será pronunciada pelo Comandante Renan, da Marinha. A segundo pelo Tenente Coronel Carlos Anastácio Vieira, do Exército. A terceira, pelo Tenente Alberto Gaspar, da Aeronáutica e a quarta pelo Deputado Guido Mondin (JEAN, 1962c, p. 9).

Conforme narra-nos Yvonne Jean, naquele ano de 1962, as comemorações da Semana da Pátria na Escola Parque seriam feitas por meio de “uma série de conferências”, proferidas por autoridades das três forças: Exército, Marinha e Aeronáutica, além de um deputado, Guido Mondin. Certamente a localização privilegiada da Escola no coração dos Três Poderes favorecia a interação entre escola e Forças Armadas, contribuindo para conferir um caráter cívico àquela comemoração

escolar. O objetivo da comemoração era, segundo Yvonne Jean, falar aos escolares sobre “a ideia de Pátria, Independência, história do Brasil, papel das diversas instituições”.

Os festejos patrióticos, assim, tornavam-se ocasião para difundir entre os estudantes da Escola Parque valores cívicos, ajudando-os a compreender o sentido de integrar um país independente e das instituições que garantiam sua estabilidade. Diga-se de passagem, tratava-se de uma forma bem conservadora de comemoração, ainda que levada a cabo numa escola que possuía uma proposta pedagógica de vanguarda. No entanto, vale considerar que, segundo um balanço recente, as festas cívicas são realmente as mais celebradas nas comemorações escolares (OLIVEIRA; ANJOS, 2022). Essa recorrência, deste modo, não deixou de ser sentida também na Escola Parque de Brasília, em que pese seu caráter inovador para aquele contexto. Essa é outra característica das práticas escolares: integrar o novo ao velho, produzindo sentidos e significados específicos, no caso, os de cunho patriótico.

Outros eram os sentidos em torno das comemorações do Dia da Criança, que foram objeto de nota da coluna de 28 de setembro de 1962:

FESTA DAS DANÇAS

A escola parque comemorará o dia da Criança oferecendo sua festa das danças a pais e crianças. Estão ensaiando danças típicas de todos os países. Roupas tradicionais já estão sendo confeccionadas. Devido às eleições e a ausência de muitas pessoas nos dias subsequentes, a escola parque resolveu festejar a criança com uma semana de atraso. Os bailarinos oferecerão um espetáculo aos pais no dia 20 às 8 horas da noite e outro aos colegas no dia 21 as 4 horas (JEAN, 1962d, p. 9)

O Dia da Criança era, já naquela época, celebrado a 12 de outubro (SCHUELER; DELGADO; MÜLLER, 2007). Porém, a Escola Parque o comemoraria com certo atraso “devido às eleições e a ausência de muitas pessoas nos dias subsequentes”, nos dias 20 e 21. Sendo o tempo uma construção social (ELIAS, 1998) as eleições, no caso em tela, revelam o diálogo dos tempos sociais com os tempos escolares, interferindo naquele que seria o tempo da festa, aqui, postergado.

Para marcar a nova data, as crianças da escola – certamente nas aulas dedicadas à disciplina da dança, que integravam o currículo da instituição – estavam “ensaiando danças típicas de todos os países”, com direito, inclusive, a indumentária apropriada. O modo de comemorar seria, assim, uma apresentação dessas danças aos colegas (no período vespertino) e outra aos pais (em sessão noturna).

No relato em questão, a festa funcionava como uma espécie de vitrine: ao mesmo tempo em que celebrava a criança, dava visibilidade aos resultados alcançados com o modelo de educação levado à cabo na Escola Parque de Brasília. A festa era vetor tanto de celebração como de propaganda escolar. A nota antecipada do que seria realizado feita pela jornalista Yvonne Jean ajudava a reforçar esse caráter propagandístico da comemoração.

Uma outra forma de festejo foi a adotada para marcar a celebração do Dia das Mães, ou melhor, da Semana das Mães. Lemos na coluna de Yvonne Jean de 8 de maio de 1963:

SEMANA DAS MÃES

A Escola Parque está informando [sic] o dia das Mães numa Semana das Mães! Na tarde de ontem, os alunos da Escola-Classe 106 reuniram-se no auditório que tinha seu ar festivo. Convidaram as mães e entregaram-lhes os seus presentes. Depois assistiram à exibição de um filme. Hoje será a vez da Escola 308, amanhã, às quatro e meia, a dos alunos da 107 e na sexta-feira a da escola 108 (JEAN, 1963b, p. 9).

Segundo Mário Basacchi (2000), a comemoração do dia das mães, de origem norte-americana, foi no Brasil incorporada pela sociedade civil na década de 1920 e pela Igreja Católica na década de 1940. Em 1963, portanto, já a encontramos naturalizada não só na cena social mais ampla como na escola primária, em particular.

Na Escola Parque, no ano em questão, o ritual adotado foi a transformação do Dia das Mães em uma semana – talvez como forma de oportunizar que as mães de todas as crianças das escolas-classe atendidas pela instituição pudessem ter seu momento particular de homenagem. O festejo, para cada dia, era marcado por uma entrega de presentes seguida de exibição de filmes. O espaço da festa era o auditório da Escola Parque, utilizado não só pelos escolares, mas também pela comunidade em geral, na falta então sentida de outros espaços de lazer na nova capital (WIGGERS; MARQUES; FRAZZI, 2011).

Por essa razão, podemos considerar que a escola transformava uma prática social comum em Brasília – a exibição de filmes – num elemento integrante dos festejos que queriam celebrar a maternidade. Se tivéssemos maiores informações – como o título do filme exibido – poderíamos aprofundar ainda mais a análise. Mas, do que é possível saber, claro está que também esta festa comparece a marcar os dias em vermelho da Escola Parque de Brasília, já nos seus primeiros anos de funcionamento.

AS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NA ESCOLA PARQUE

Um dos diferenciais da instrução oferecida pela Escola Parque de Brasília era a formação artística da criança, já sob o crivo da escola ativa e das pedagogias de meio de século, que valorizavam a arte como forma de livre expressão da criança, semelhante ao ideário em circulação nas exposições de arte infantis da década de 1960, como as examinadas por Dulce Osinski (2019). É com essa expectativa e olhar de apreciação que Yvonne Jean relata e faz considerações sobre as práticas de educação artística da Escola Parque.

Em coluna publicada em 13 de junho de 1962, a jornalista descreve uma visita ao Pavilhão de Artes Industriais da instituição, guiada por duas estudantes, Lisette Villas Boas Rosas e Vera Lúcia Ennes Dias:

ESCOLA-PARQUE

Lisette Vilas Boas Rosas tem 12 anos. Faz tecelagem. Vera Lúcia Ennes Dias, de 13 anos, escolheu cestaria. Ambas me fazem espontaneamente as honras do pavilhão adjacente ao prédio principal da Escola, onde se ensina tecelagem, cestaria, corte e costura, tricô e bordados, cerâmica, trabalhos de madeira, execução de fantoches. “Veja” explica Vera Lúcia muito compenetrada “vime, Ouricuri, sabugo de milho, palha de milho, palha de trigo, piaçava, sisal, ... são os produtos que empregamos.” Mostra-me a grande bolsa que confecciona, bandejas, cestas... E Lisette mostra jogos americanos de cores vivas, cachecol de lãs multicores, teares cujo funcionamento explica e mostra.

Com esses dois guias é uma alegria aprender que para fazer cerâmica “é preciso modelar, lixar, biscoitar, pintar e queimar”. E estudar os quadros de competição que não são individuais e sim de turnos. Um ótimo começo para uma visita que ia me aproximar de um mundo ou, melhor, uns mundos fabulosos.

Os setores são muitos: além das artes industriais e das artes plásticas, temos a educação física, o teatro, a música, todo o lado audiovisual e a biblioteca (JEAN, 1962e, p. 9).

O relato de Yvonne Jean nos faz adentrar na cultura material da Escola Parque, aqui entendida, como “o conjunto de artefatos materiais em circulação e uso nas escolas, mediados pela relação pedagógica, que é intrinsecamente humana, reveladora da dimensão social” (SOUZA; PERES, 2011, p. 56). Tais artefatos são condição essencial, elementos da “cultura empírica das instituições educativas” (ESCOLANO BENITO, 2010, p. 14, *tradução livre*). Enquanto na Escola-Classe – que oferecia o ensino regular – tais materiais eram compostos por cadernos, lápis, canetas e manuais escolares, por exemplo; na Escola Parque, que ensinava “tecelagem, cestaria, corte e costura, tricô e bordados, cerâmica, trabalhos de madeira”, o material didático era mais variado e singular, composto de elementos colhidos da natureza e empregados nas artes manuais elaboradas pelas crianças.

Para além dos materiais, a fala de uma das meninas revela a apropriação dos saberes artísticos por parte das crianças, que quando iam fazer cerâmica, demonstravam conhecer as etapas necessárias para transformar o barro em objeto (“modelar, lixar, biscoitar, pintar e queimar”), dando-lhe forma e uso, com alguma autonomia. Além disso, a jornalista revela que havia certa competição entre alunos dos turnos matutino e vespertino, como forma de emulação entre os escolares adotada pela instituição. Por fim, as artes plásticas eram apenas uma das expressões artísticas da Escola: havia, também, “a educação física, o teatro, a música, todo o lado audiovisual e a biblioteca”, embora, como veremos nesta seção, seja sempre para as artes plásticas e manuais que se volta a atenção de Yvonne Jean.

Noutra visita à Escola Parque, relatada na coluna de 30 de outubro de 1962, a jornalista realça as técnicas empregadas em desenhos e colagens pelos alunos da Escola Parque:

Uma técnica inventada pelos professores ou alunos e que dá resultados originais é a de raspar pedra, reduzi-la em pó e espalhá-la com espátula sobre desenho, criando matéria brilhante, “diferente”. Rufina, com sua paisagem de árvores de ambiente amarelo, Marco Aurélio que continuou o quadro com uma moldura de cartolina também pintada, Alex que misturou a técnica com a outra a nanquim, Márcia com seus castelos românticos de conto da Floresta Negra, e muitos outros escolheram a pedra como material.

A colagem também leva a invenção original. Isabel recortou bolas para formar um personagem; José empregou papel fino e transparente com colorido por cima; Maria Helena empregou revistas recortadas de maneira irregular. Rui e outros fizeram mosaicos com recortes miúdos, enquanto Regina fez desenhos abstratos a dedo e Charles uma guache com um belo sol sombreado (JEAN, 1962f, p. 9).

Conhecedora que era das artes plásticas, Yvonne Jean destaca o que para ela seria uma técnica inventada na própria escola. Tratava-se da raspagem de pedra, para obter um pó brilhante a ser espalhado sobre os desenhos. A partir dela, outras bricolagens eram feitas, como a do estudante Alex, “que misturou a técnica com a outra a nanquim” sendo a pedra material comumente partilhado entre os pequenos aprendizes. Também nas práticas de colagem a jornalista via alguma originalidade nas obras produzidas e nas técnicas e materiais empregados, todas dando vazão à liberdade e criatividade infantis.

No seu conjunto, a descrição fornecida pela coluna de Yvonne Jean confirma a escola como um espaço de invenção e não de mera reprodução, como já observou André Chervel (1990) em seus estudos sobre a história das disciplinas e da cultura escolar na França. Na Escola Parque, ao mesmo tempo em que as crianças aprendiam a fazer arte, criavam suas próprias técnicas e produções, ampliando o repertório de saberes e fazeres artísticos que a escola, mais do que transmitir, lhes possibilitava também construir.

Embora fosse partidária da liberdade de criação infantil, em coluna de 17 de maio de 1963, Yvonne Jean não se furta de tecer algumas críticas ao modo como esta vinha sendo entendida em algumas produções da Escola Parque, expostas naquela ocasião na Escola Industrial da cidade satélite de Taguatinga. Na opinião da jornalista,

Era nisso que pensamos ao examinarmos cerâmicas na Escola Parque, cuja maioria exprime tudo que se possa imaginar, exceto simplicidade. A professora que nos ajudou a descobrir obras das crianças, declarou que tinham toda liberdade. Realmente o sistema moderno que deu tão bons resultados, é baseado sobre a liberdade de expressão que permite ao jovem expandir-se. Porém, é preciso guiá-lo sem que disso se apercebesse. É o que Augusto Rodrigues faz com infinito tato. É essencial que o jovem saiba que a beleza não é complicação e que o ajudem a formar o gosto. “Santa simplicidade” deveria ser o lema dos orientadores artísticos das crianças (JEAN, 1963c, p. 9).

Na ótica de nossa informante, havia certo mal-entendido em determinadas produções da Escola Parque sobre o que seria a liberdade de criação infantil e a arte moderna. A seu ver, esta última vinha sendo confundida com complexidade e excentricidade, deixando a desejar no quesito simplicidade. A crítica de Yvonne Jean confirma que a Escola Parque visava proporcionar a seus alunos o contato com o que de mais moderno havia em termos de produção artística. Contudo, por vezes, isso levava a excessos, que comprometiam a formação do bom gosto nas crianças. O alerta da jornalista, assim, mais do que desvalorizar as produções infantis, visava intervir nelas, conduzindo-as a um senso estético que ela considerava mais adequado.

Liberdade e simplicidade deveriam ser o foco do ensino de artes na Escola Parque, um foco que, naquele contexto, corria o risco de ser abandonado em detrimento de um mal-entendido conceito de livre expressão, quando, pelo contrário, essa liberdade exigia que a criança fosse guiada mesmo sem perceber, como fazia Augusto Rodrigues na sua escolinha de artes. Ao tecer a comparação, a jornalista, sutilmente, aponta um modelo pedagógico que poderia ser seguido e incorporado no fazer da Escola Parque e no seu modo de ensinar às crianças as artes plásticas. Se sua indicação teve impacto, suas colunas não nos permitem saber, mas ficam, sem dúvida, como registro de que as produções artísticas da Escola Parque geravam debates e pontos de vista contraditórios, como deve ser toda e qualquer expressão artística. Nesse sentido, a Escola cumpria seu papel de proporcionar às crianças um contato direto com o mundo da arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo analisar algumas práticas escolares da Escola Parque de Brasília conforme narradas nas colunas da jornalista Yvonne Jean ao longo dos anos de 1962 e 1963. O foco recaiu sobre três práticas em particular: as práticas de leitura, as festas escolares e as práticas de educação artística.

Sobre as práticas de leitura, foi possível apurar o modo como as professoras visavam desenvolver o hábito da leitura nos estudantes da Escola Parque, no que, segundo Yvonne Jean, estavam obtendo algum sucesso, dado à procura maciça de livros na Biblioteca da instituição por parte dos escolares, a reclamar, inclusive, um reforço do acervo colocado à disposição dos jovens leitores. Já sobre as festas escolares, tivemos oportunidade de observar distintos usos dessas comemorações por parte da comunidade escolar: ora para despertar valores patrióticos e cívicos, como no caso das comemorações da Semana da Pátria, ora para dar visibilidade e propagandear entre a comunidade os resultados alcançados com o tipo de educação ministrado na Escola Parque de Brasília. No que toca às práticas de educação artística, pudemos descobrir que estas, baseadas nos princípios de liberdade de expressão infantil, vinham resultando em criações e inovações nas

culturas escolares da Escola Parque, ainda que nem sempre possa ter havido consenso sobre o que seria a liberdade de expressão e a arte moderna que esta devia produzir.

Por fim, através da descrição das práticas escolares feita por Yvonne Jean, conseguimos chegar-nos a vestígios do que se fazia no interior da escola. Mas seu relato, mais do que narrar, buscava participar do processo educativo, valorizando os feitos educacionais e disseminando-os entre seus leitores, bem de acordo com o projeto editorial do *Correio Braziliense*, do qual suas colunas eram parte integrante.

REFERÊNCIAS

ANJOS, J. J. T. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan.-abr. 2022a.

ANJOS, J. J. T. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). In: BERTOLETTI, E. N. M.; ZIMMERMAN; T. R. (orgs.) **Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiões de pesquisas e ensinabilidades em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b, p. 37-54.

BASACCHI, M. **Origem das datas comemorativas**. São Paulo: Paulinas, 2000.

CÂNDIDO, R. M. O que a escola festeja? Uma retomada histórica sobre os tipos e sentidos das festas escolares. In: CATANI, D. B.; GATTI JR., D. (orgs.). **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar. Uberlândia: EDUFU, 2015, p. 229-250.

CHARTIER, A-M. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157-168, jul.-dez. 2000.

CHARTIER, R. Entrevista. **Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina, n. 13, p. 138-156., jul.-dez 2005.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

DARNTON, R. Introdução. In: DARNTON, R.; ROCHE, D. (orgs.). **Revolução impressa: a imprensa na França 1775-1800**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 111-154.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ESCOLANO BENITO, A. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. **Linhas**. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 13-28, jul./dez. 2010.

GINZBURG, C. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: **A microhistória e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1991, p 169-178.

HÉBRARD, J. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n. 2, p. 65-110, 1990.

JEAN, Y. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 13 jun. 1962a.

JEAN, Y. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 15 jun. 1962b.

- JEAN, Y. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 4 set. 1962c.
- JEAN, Y. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 28 set. 1962d.
- JEAN, Y. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 13 jun. 1962e.
- JEAN, Y. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 30 out. 1962f.
- JEAN, Y. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 28 mai. 1963a.
- JEAN, Y. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 8 mai. 1963b.
- JEAN, Y. Correio Estudantil – o Ensino Dia a Dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 17 mai. 1963c.
- MARTINS, A. F. O ensino de artes nas Escolas Parque. In: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 231-252.
- MINEIRINI NETO, J. Yvonne Jean: o jornalismo na defesa da mulher, da arte e da educação. in: BARBOSA, A. M.; AMARAL, V. (orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio**. Arte, Design, Educação. São Paulo: Editora Cortez, 2019, p. 137-170.
- MORELLI, A. L. F. **Correio Braziliense: 40 anos – do pioneirismo à consolidação**. (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2002.
- OLIVEIRA, A. R.; ANJOS, J. J. T. Um balanço da historiografia sobre festas escolares (2000-2021). **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 25, n. 3, p. 180-197, set./dez. 2022.
- OSINSKI, D. R. B. I Salão de Arte Infantil: apontamentos do crítico de arte José Geraldo Vieira sobre a expressão artística da criança (1961). **Educar em Revista**. Curitiba, v. 35, p. 87-104, 2019.
- SCHUELER, A. F. M.; DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. A participação das crianças nas festividades brasileiras. **Educação em Questão**. Natal, v. 29, n. 15, p. 122-148, mai.-ago. 2007.
- SILVA, B. P.; SILVA, R. P. A “Chave” de Yvonne Jean da Fonseca (1964). In: MELLO, E. (org.). **Literatura e repressão: as letras como campo de resistência a políticas totalitárias**. Jundiaí: Paco Editorial, 2022, p. 37-54.
- SOUZA, G.; PERES, E. Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar: (im)possibilidades de investigação. In: CASTRO, C. A. (org.) **Cultura Material Escolar: a escola e seus artefatos**. São Luís: Edufma, 2011, p. 43-68.
- TEIXEIRA, A. P. T. Yvonne Jean, Brasília e a UnB (1962-1965). In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/yvonne-jean-brasilia-e-a-unb-1962-1965/>. Publicado em: 19 mai. 2017.
- TEIXEIRA, A. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan.-mar. 1961.
- WIGGERS, I. MARQUES, I.; FRAZZI, M. Escola Parque de Brasília: um olhar sobre a educação do corpo. In: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 253-276.